

**“AMBOS QUAIS?”: O SENTIDO HISTÓRICO DA INDECISÃO DE FLORA EM
*ESAÚ E JACÓ***

Raíssa Cardoso Amaral¹

Ellem Rudijane Moraes de Borba²

Resumo

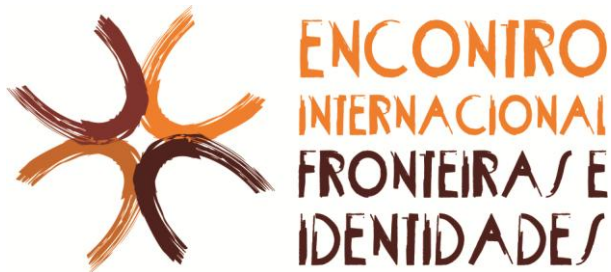
Dentre os romances machadianos, *Esaú e Jacó* (1904) é aquele em que a história ganha maior relevo, uma vez que inclui os eventos mais significativos da segunda metade do século XIX: Abolição da Escravatura, queda da Monarquia e Proclamação da República. Desse modo, há uma coincidência entre o que acontece na História e o que ocorre na diegese literária. Entretanto, a história não é mero pano de fundo, uma vez que os eventos da História afetam a ação e o destino das personagens. O presente trabalho pretende explorar a relação entre literatura e história na representação do feminino da personagem Flora. O triângulo amoroso formado por Pedro, Paulo e Flora já aponta para a característica primordial da personagem analisada: a indecisão por qual dos dois deve escolher. Pedro e Paulo, monarquista e republicano convictos, leem os episódios da História a partir de sua visão política e Flora é a representação da incerteza daquele período de transição. A partir disso, a solução encontrada na narrativa é a morte de Flora, justamente quando o governo Floriano está em crise e a cidade encontra-se sitiada. A simbologia da indecisão recebe destaque na morte da personagem, pois representa a impossibilidade de amá-los com igual intensidade e, assim, presenciamos em Flora o emblema do país que, na época, não conseguia decidir qual rumo tomar.

As relações existentes entre diegese literária e fatos históricos são abordadas pelo crítico literário Roberto Schwarz ao referir-se a originalidade e força da obra machadiana, considerando as situações particulares à sociedade brasileira do século XIX:

Machado afirmava que o escritor pode ser “homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. O crítico buscava assegurar aos brasileiros o direito à universalidade das matérias, por oposição ao ponto de vista “que só o espírito nacional nas obras que tratam de assunto local”. Pode-se dizer também que reivindicava o melhor do legado romântico – o sentimento de historicidade – contra a aliança em voga de pitoresco e patriotismo, que naquela altura já se revelava uma prisão para a inteligência. (Schwarz, 1990, p. 9).

¹ Universidade Federal de Pelotas; Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa; E-mail: issa.amaral@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas; Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa; E-mail: ellemdsj@gmail.com



Conforme as ideias de John Gledson, o enredo central de *Esau e Jacó* “parece calculado para desapontar [...] Que futuro pode haver, em termos ficcionais, para o amor de dois gêmeos idênticos pela mesma moça?” (Gledson, 1986, p. 161). Porém, como já comentado anteriormente, há considerável material histórico no romance e a nudez do enredo

força nossa atenção a se voltar tanto para seu significado alegórico (e, assim, para sua irrealidade como ficção) quanto para as possíveis razões do autor para criá-lo. [...] dentro de suas limitações, o livro ainda é uma interpretação, a interpretação de Machado, da História daqueles anos. (Gledson, 1986, p. 213).

Em *Esau e Jacó* há uma peculiaridade interessante no procedimento narrativo, pois ao abrir o livro e deparar-se com a “Advertência” o leitor descobre que há a presença de um narrador-editor, ou seja, editou o que será lido a partir dos escritos do Conselheiro Aires:

O Conselheiro, apesar de se afirmar avesso a controvérsias é sem dúvida a principal consciência da narrativa, capaz de perceber as rivalidades que envolvem os irmãos gêmeos protagonistas Pedro e Paulo; as indefinições sentimentais da mocinha Flora; a busca por distinção social do casal Santos e Natividade; a superficialidade dos ideais políticos do casal Batista e D. Cláudia; etc. (Salvaia; Chalhoub, s/d. p.1)

O presente trabalho pretende explorar a relação entre literatura e história na representação do feminino da personagem Flora. O triângulo amoroso formado por Pedro, Paulo e Flora já aponta para a característica primordial da personagem analisada: a indecisão por qual dos dois deve escolher. Pedro e Paulo, monarquista e republicano convictos, leem os episódios da História a partir de sua visão política e Flora é a representação da incerteza daquele período de transição.

No capítulo XXXI intitulado “Flora” lemos que o Conselheiro Aires acreditava que a moça viria a ser uma inexplicável. Três capítulos depois (capítulo XXXIV “Inexplicável”), o narrador retoma a sua definição para Flora:

Há de lembrar-te que Flora não desapegava os olhos dele [Conselheiro Aires], ansiosa de saber por que é que a achava inexplicável. A palavra rasgava-lhe o cérebro, ferindo sem penetrar. Inexplicável que era? Que se não explica, sabia; mas que se não explica por quê? Quis perguntá-lo ao conselheiro, mas não achou ocasião e ele saiu cedo. (Assis, 1962, p. 134).

Um dos primeiros críticos sul-rio-grandenses a se dedicar ao estudo da obra machadiana foi Augusto Meyer, embora não tenha sido o primeiro, pois foi precedido pelo



gaúcho Alcides Maya, que publicou o ensaio “Machado de Assis: Algumas notas sobre o *humour*”. Meyer publica a primeira edição do livro *Machado de Assis* em 1935 e no ano de 1952 publica sua segunda edição, confessando em seu prefácio que Machado de Assis o fascinava e irritava a um só tempo. Porém, Meyer afirma que permaneceu o fascínio, indicando a mudança de rumo que posteriormente seria assumida pela crítica.

Apesar do ensaio crítico sobre Machado de Assis de Augusto Meyer ter sido publicado pela primeira vez há quase oitenta anos, a leitura consegue manter sua atualidade possivelmente assegurada pelo formato de exposição adotado pelo crítico, isto é, Meyer procurou formular suas impressões através das sugestões provocadas por sua própria leitura, não se atendo a nenhum modelo específico de análise.

Ao falar na indecifrável Flora, Meyer salienta ser um excelente assunto de análise, justamente por não percorrer a via fácil dos temas e obras que frequentemente são visitados pela fortuna crítica dedicada a Machado de Assis. Para o autor, Flora pode ser descrita da seguinte forma: “Foi desenhada a esfuminho, sem caprichos demorados no traço, transparece um halo de vaguidade, mas pela posição central ganha relevo de um símbolo.” (Meyer, 2005, p. 32).

Para o crítico citado anteriormente, a hesitação de Flora reflete diretamente o pensamento de Machado, “(...) Sua razão de ser é a dúvida que vem de uma neutralização por excesso de clarividência” (Meyer, 2005, p. 32), ou seja, a personagem com as penumbras da incerteza, desencantada e sem forças para se decidir é o mito da hesitação, pois decidida a viver na plenitude, não sabe aceitar o meio termo que a realidade oferece. A escolha entre Pedro e Paulo seria a negação de todas as qualidades inerentes ao irmão preterido, seu ideal, seria a síntese das virtudes pertencentes a cada um dos rapazes, mas querendo tudo e sem renunciar a nenhum dos gêmeos a jovem perderá tudo, em um longo suicídio e ao desejar manter intacto o sonho, acabou por matá-lo. Conforme diz Meyer

Forçando um pouco as analogias nesta penumbra favorável, é muito fácil afirmar que todo o pensamento de Machado de Assis se corporifica nessa figura de mulher chave da sua obra perversa e perfeita. (...) Como Flora, Machado não podia, não devia escolher. Escolher para ele seria diminuir-se, mutilar-se [...] (Meyer, 2005, p. 33).



Desse modo, a partir da leitura crítica de Meyer, *Esau e Jacó* consiste na oscilação e na neutralização de duas forças similares e ao mesmo tempo contrárias, pois fica claro nesta obra machadiana que escondido entre as sutilezas está o temor das contradições humanas.

A leitura geral que *Esau e Jacó* nos deixa é a de que o indivíduo prepondera sobre as questões políticas. Nesse sentido, a passagem da obra sobre a Confeitaria do Custódio é o melhor exemplo: com a queda da Monarquia, a tabuleta “Confeitaria do Império” já não estava mais de acordo com a realidade brasileira, por isso ela passa por uma reformulação e, após uma conversa com o conselheiro Aires, o dono da confeitaria opta por colocar na tabuleta nova seu próprio nome e agradecer a todos os clientes, simpatizantes dos dois modelos de governo. Cabe ressaltar que

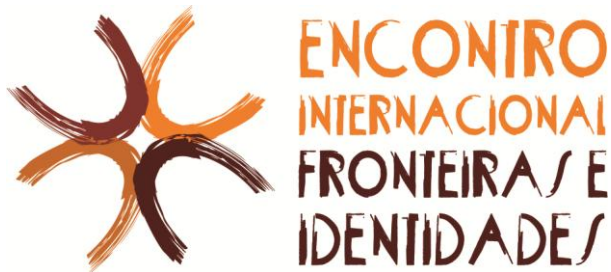
Esau e Jacó permite fecundos desdobramentos de análise, graças à proporção em que se situam a intriga amorosa, as referências especulativas sobre acontecimentos históricos e as interferências do narrador para discutir o próprio ritmo narrativo. (Betella, 2007, p. 88).

Em *Esquema de Machado de Assis*, Candido denomina como “personagem-chave” a posição de Flora, pois ao amar os dois irmãos, ela não consegue realizar uma opção e realizar-se amorosamente com apenas um. Flora representa, no romance, a posição de idealismo, e sua morte nos sugere que um estado ideal não poderá ser mantido. Além disso, segundo Antonio Candido

É a ela [Flora], como as outras mulheres na obra de Machado de Assis, que cabe encarnar a decisão ética, o compromisso do ser no ato que não volta atrás, porque uma vez praticado define e obriga o ser de quem o praticou [...] Simbolicamente, Flora morre sem escolher. (Candido, 1977, p. 31).

Já que o foco é a personagem Flora, cabe ressaltar que o narrador, impaciente com a indecisão da moça, chega basicamente a “implorar” uma atitude, pois sustentar aquela posição de querer os dois ao mesmo tempo parece impossível:

Anda, Flora, ajuda-me, citando alguma coisa, verso ou prosa, que exprima a tua situação. Cita Goethe, amiga minha, cita um verso do Fausto, adequado: *Ai, duas almas no meu seio moram!* A mãe dos gêmeos, a bela Natividade, podia havê-lo citado também, antes deles nascerem, quando ela os sentia lutando dentro em si mesma: *Ai, duas almas no meu seio moram!* Nisto as duas se parecem, — uma os concebeu, outra os recolheu. Agora, como é que se dá ou se dará a escolha de Flora, nem o próprio Mefistófeles no-lo



explicaria de modo claro e certo. O verso basta: *Ai, duas almas no meu seio moram!* (Assis, 1962, p. 316).

A competitividade dos irmãos por Flora parece não funcionar, apesar de suas diferenças políticas, eles permanecem idênticos. Além disso, a posição idealista de Flora, seu estado de inocência perante aos acontecimentos históricos e sua tendência a não definir posições pode ser depreendida do seguinte trecho do capítulo LXIX “Ao piano”:

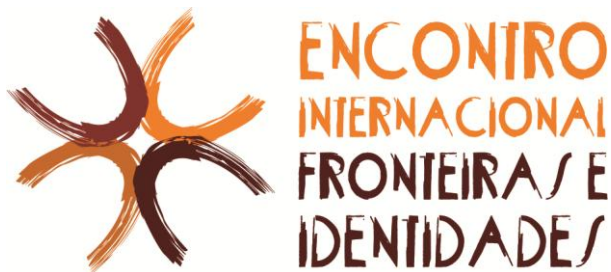
[...] Também se pode achar na sonata de Flora uma espécie de acordo com a hora presente. Não havia governo definitivo. A alma da moça ia com esse primeiro alvor do dia, ou com esse derradeiro crepúsculo da tarde, — como queiras, — em que nada é tão claro ou tão escuro que convide a deixar a cama ou acender velas. Quando muito, ia haver um governo provisório. Flora não entendia de formas nem de nomes. A sonata trazia a sensação da falta absoluta de governo, a anarquia da inocência primitiva naquele recanto do Paraíso que o homem perdeu por desobediente, e um dia ganhará, quando a perfeição trouxer a ordem eterna e única. Não haverá então progresso nem regresso, mas estabilidade. (Assis, 1962, p. 276).

As alucinações sofridas por Flora nas quais ela “unificava” Pedro e Paulo são descritas em *Esau e Jacó*: “[...] Flora ouviu mais de uma vez as duas vozes que se fundiam na mesma voz e na mesma criatura” (Assis, 1962, p. 310). Aliás, no Capítulo CVI “Ambos quais?” lemos a apresentação do último de seus delírios. “Ambos quais?” – título do mencionado capítulo – é uma referência a frase proferida por Flora ao saber que os gêmeos estavam ali para visitá-la.

A solução encontrada na narrativa é a morte de Flora, justamente quando o governo Floriano está em crise e a cidade do Rio de Janeiro encontra-se sitiada:

Não há novidade nos enterros. Aquele teve a circunstância de percorrer as ruas em estado de sítio. [...] Quem morreu, morreu. Era o caso de Flora; mas que crime teria cometido aquela moça, além do de viver, e porventura o de amar, não se sabe a quem, mas amar? Perdoais estas perguntas obscuras, que se não ajustam, antes se contrariam. A razão é que não recordo este óbito sem pena, e ainda trago o enterro à vista... (Assis, 1962, p. 407).

Conforme as ideias de John Gledson (1986) torna-se possível compreender o lugar central na narrativa de Natividade (mãe dos gêmeos) e Flora, pois elas representam dois momentos históricos. Em 1871, Natividade e a irmã Perpétua sobem o Morro do Castelo para consultar a vidente Cabocla:



Vale a pena enfatizar um elemento do simbolismo que cerca essa cena. O Morro do Castelo, onde ocorre a consulta, foi o local da fundação da cidade do Rio [...] mas também foi, por ocasião da publicação do romance de Machado, ameaçado de remoção, como um dos mais fortes obstáculos para a modernização do Rio, que começou na segunda década de existências da República. (Gledson, 1986, p. 188).

No livro *Por um novo Machado de Assis: ensaios* o crítico já citado faz o seguinte questionamento acerca do Morro do Castelo:

Porque ninguém vai ao morro do Castelo? Porque era um lugar pobre, e pobre em parte porque era morro, e as pessoas preferiam morar nos bairros mais planos e próximos à praia: Glória, Catete, Flamengo. (Gledson, 2006, p. 350).

Além disso, provavelmente Natividade nasceu em 1840, ou seja, contexto do Segundo Reinado. Já a representação dos primeiros anos da República está em Flora, ou melhor, especificamente na morte de Flora, pois “[...] coincide obviamente com o bombardeio do Rio, durante a Revolta da Marinha, em 1893”. (Gledson, 1986, p. 200).

Em suma, a simbologia de Flora recebe destaque em sua morte, pois revela a frustração e a impossibilidade de amar os gêmeos com igual intensidade. Sendo assim, presenciamos em Flora o emblema do país que, na época, não conseguia decidir qual rumo tomar.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. Coleção Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: Editora Brasileira Ltda., 1962.

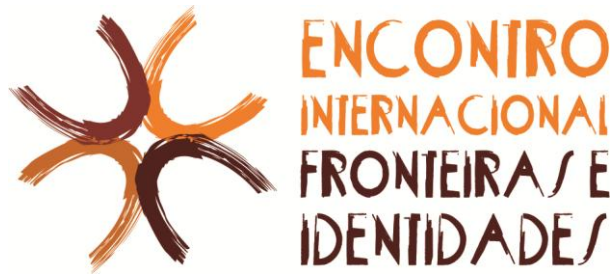
BETELLA, Gabriela Kvacek. *Narradores de Machado de Assis: A Seriedade Enganosa dos Cadernos do Conselheiro (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a Simulada Displícência das Crônicas (Bons Dias! e A Semana)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Nankin, 2007.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

GLEDSOON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2005.



SALVAIA, Priscila. CHALHOUB, Sidney. *Representações políticas em Machado de Assis: uma análise histórica de Esaú e Jacó.* s/d. Anais IFCH/Unicamp. Endereço eletrônico: www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/Priscila_Salvaia.pdf) Acessado em 14/10/2014.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis.* São Paulo: Duas Cidades, 1990.